



Recebido em  
15-07-2020

Aprovado em  
10-08-2020

#### Como citar este artigo

Brandão APCL,  
Peres MAA.  
[A Influenza Espanhola].  
Hist enferm Rev  
eletrônica [Internet].  
2020;11(Especial):55-7.

## A Influenza Espanhola

Ana Paula da Costa Lacerda Brandão<sup>I</sup>, Maria Angélica de Almeida Peres<sup>II</sup>

<sup>I</sup> Historiadora. Mestranda da Escola de Enfermagem Anna Nery- UFRJ. Bolsista Capes.

<sup>II</sup> Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Professora da Escola de Enfermagem Anna Nery-UFRJ.

A publicação do jornal O Paiz, na edição nº 12.424 de uma quarta-feira, 16 de outubro de 1918, trazia a epidemia de gripe espanhola como assunto aos seus leitores cariocas. Mesmo com o assunto da Guerra que atingia o Continente Europeu em voga, O Paiz fez destaque ao tema, ocupando cerca de 70% de uma página de jornal, que no todo continha apenas 8 páginas. A Influenza Espanhola ou “Gripe” assolou a capital do Brasil, a época o Rio de Janeiro, no início do século XX, e rapidamente tornou-se um caso de Saúde Pública a ser solucionado.

Em uma nota intitulada “O Paiz”, o jornal explica a seus leitores o motivo pelo qual o número de páginas está reduzido, mencionando que seus redatores e demais funcionários também não passaram ilesos pela “gripe”. Outro motivo que destaca é que os teatros quase em sua totalidade encontravam-se fechados e as seções, como do Congresso Nacional, não estavam funcionando devido a epidemia de gripe.

A notícia intitulada “A Influenza Hspanhola”, relata que após ter atingido alguns Estados do Norte, a doença chega a Capital do país e reúne 10 subtítulos em que demonstra que toda a sociedade foi atingida. Faz destaques as precariedades em relação a prestação de socorro a população e a falta de profissionais para atender a quantidade de pessoas que adoeciam. A epidemia enunciava uma deficiência grave em termos da oferta de assistência à saúde, pois não havia Hospitais Públicos e as pessoas, quando ficavam “espanholadas” (termo assim utilizado na época), buscavam socorro na delegacia de polícia. Quem prestava alguma assistência, mesmo que precária, eram as instituições caritativas como as Santas Casas de Misericórdia e a Cruz Vermelha Brasileira.

Como de praxe, a população mais pobre era a mais atingida. Entretanto, as notícias evidenciam o sentido democrático da doença, que acometia a todos indiscriminadamente, desde pessoas que ficavam “caídas na via pública”, até os ocupantes do Palácio do Catete, Forças Armadas da Marinha e do Exército, delegacias, repartições públicas, nenhum local deixou de ter vítimas.

Inúmeras medidas foram tomadas pelo governo para tentar conter a doença, cuja “gravidade não estava tanto no seu malefício sobre os doentes, mas na sua perturbadora ação social” que vinha aumentando o número de casos fatais. As escolas e o comércio tiveram que ser fechados, com exceção das farmácias que ficavam cheias, pois a clientela ia desesperadamente em busca de um remédio que pudesse conter o mal. As ambulâncias não davam conta de atender os chamados. No subúrbio do Rio de Janeiro era ainda pior, pois não tinham postos de atendimento e as pessoas faleciam em casa. Uma situação gravíssima, causada pela pandemia, que atingiu fatalmente mais de 50 milhões de pessoas em todos os continentes.

O Governo brasileiro, numa tentativa de atender a população, criou postos de salvação pública nas escolas dos distritos escolares e na Estação de Deodoro, mas faltava mão de obra para atender a enorme quantidade de casos. O Diretor da Saúde Pública, Carlos Seidl, tomou medidas para a contratação de médicos e pessoal para o atendimento.

Em meio a esta situação deplorável, instaurada pela pandemia, a Cruz Vermelha Brasileira prestava serviço humanitário à população carente na sede da sua Escola de Enfermeiras, onde os médicos, junto às enfermeiras, atendiam os casos da doença, cujo medo era um fator que contribuía para o caos na cidade, inclusive sendo considerado como uma outra epidemia.

A leitura da matéria é muito profícua, pois nos remete assimilações no presente do que foi vivido há 100 anos. Repercussões do passado que podemos observar na atualidade e que suscita reflexões acerca da semelhança no desenrolar dos fatos, a exemplo do quinino como tratamento, a alta dos preços dos produtos, fechamento de comércio e escolas e a responsabilidade dos jornais sobre a transparência e a divulgação de informações.

A fonte jornalística nos ajuda a conhecer a história e merece ser guardada para pesquisas futuras na área, interessando inclusive aos pesquisadores enfermeiros.

